



ARTIGO

**“A ilusão de que ser homem bastaria”:****Masculinidade tóxica e desengajamento moral no massacre de Suzano**

Catarina Carneiro Gonçalves, *Universidade Federal de Pernambuco*

Fernando César Bezerra de Andrade, *Universidade Federal da Paraíba*

Vital Fabrício do Nascimento, *Universidade Federal da Paraíba*

Maria Clara Sena da Silva, *Universidade Federal da Paraíba*

Resumo. Escolas brasileiras têm sido cenário de massacres, fenômeno de extrema violência com um número significativo de vítimas fatais. Dentre vários episódios, chama a atenção o ocorrido em Suzano/SP (em 2019), pela diversidade de armas utilizadas na ação, pelo número expressivo de mortos e feridos e pela abundante evidência de estereótipos de gênero associada aos dois jovens perpetradores. A partir dessa constatação, examinamos, em comentários que ilustram os oito tipos de desengajamentos morais associados ao massacre em tela, elementos de uma masculinidade tóxica para cuja compreensão discutir elementos culturais torna-se central. Empregamos o método qualitativo para analisar, a partir de fotografia registrada por um perpetrador e replicada por usuários do Facebook, bem como de comentários associados a notícias sobre o massacre na internet, componentes caracterizadores da masculinidade tóxica e a ocorrência de desengajamentos morais. Concluimos que esses desengajamentos corroboram a construção de uma imagem androcêntrica e ilusória da identidade masculina. Logo, este estudo possibilita refletir acerca do conteúdo de papéis de gênero associado ao desengajamento moral, evidenciando uma cultura de violência e insistindo, ao final, na importância de atender-se à necessidade de uma educação moral na escola para desenvolver a racionalidade crítica que põe a nu ilusões naturalizadas naquela cultura fomentadora de massacres.

PALAVRAS-CHAVE: Massacre em escola. Suzano/SP. Gênero. Masculinidade tóxica. Desengajamento Moral.



“Um dia vivi a ilusão de que ser homem bastaria
Que o mundo masculino tudo me daria
Do que eu quisesse ter”

(GIL, 1979)

O massacre de Suzano

Em 13 de março de 2019, dois jovens adentraram uma escola pública em Suzano, São Paulo e num ato premeditado, mataram cinco alunos, duas funcionárias e, em seguida, um deles matou o outro perpetrador, cometendo suicídio depois. Reproduzindo, após 20 anos, o massacre de Columbine¹ em muitos pontos, o ato perpetrado por dois jovens, respectivamente com 17 e 25 anos, deixou marcas preocupantes, condensando vários elementos cuja análise não se esgotou: um deles envolve a relação entre masculinidade tóxica e desengajamentos morais, manifestos por um dos perpetradores e, depois, por pessoas que comentaram suas ações, noticiadas pela mídia e por eles mesmos, em página do *Facebook*.

Nomeamos massacres aqueles episódios de violência acontecidos nas escolas, cuja culminância termina com vítimas fatais – sejam elas o perpetrador (agente do massacre) ou demais membros da comunidade educativa, como professores, estudantes e funcionários. Fenômeno comum a vários países, também chamado, como o fazem Vieira, Mendes e Guimarães (2009), de *school shooting* – que, em tradução aproximada, seria “tiroteio em escolas”.

Os massacres também podem ser explicados via busca de reparação da honra, da forma pela qual evidenciou o discurso do jovem sul-coreano que matou 32 pessoas em uma escola em 2007, convocando, através de mensagens e vídeos enviados à televisão, outros jovens, “fracos como ele”, a fazerem o mesmo.

Perguntamo-nos: qual a relação entre masculinidade tóxica e massacres? E de que modo os desengajamentos morais associados aos massacres ajudam a configurar essa relação? Nossa hipótese pressupõe: desengajamentos morais compõem, em seus conteúdos e formas, uma parte da lógica que propicia a masculinidade tóxica presente nos

¹ Massacre que vitimou 15 pessoas, incluindo os perpetradores, e feriu 24 outras, na Columbine High School, nos Estados Unidos. Em Suzano, a preparação detalhada, a perpetração por uma dupla de adolescentes, a eleição da escola como lugar dos assassinados e o acordo entre perpetradores (assassinato seguido de suicídio) indica que os brasileiros visaram reproduzir a tragédia que foi largamente noticiada, retomando o debate em torno da cultura bélica estadunidense.



massacres em escolas, quando acentuam a tolerância para com o mal cometido, justificando-o, diminuindo-o ou mesmo referendando integralmente a violência dos perpetradores a partir das imagens com pouca honra que eles traziam.

Discutir desigualdade e estereótipos de gênero² numa sociedade que atribui tarefas e valores diferentes é necessário para que possamos compreender culturalmente massacres em escolas, reconhecendo que, sendo multicausal, eles não podem ser analisados sem o devido exame numa perspectiva de gênero de seus perpetradores: todos masculinos. Neste sentido, presumimos que o androcentrismo historicamente produz, segundo Piaget (1994), uma heteronomia social significativa, favorecendo uma masculinidade tóxica (SCULOS, 2017; MOURA, 2019).

Sendo a heteronomia a moral da obediência, contexto no qual as pressões culturais incidem fortemente, preocupa a difusão de conteúdos tóxicos referentes à construção das identidades de gênero, marcando discursos desengajados que chegam a culpar homens que não possuem os atributos de poder, marcadores da masculinidade em nosso país.

Neste caso, enxergamos um modelo de masculinidade reverenciado em nossa cultura, em que elementos tóxicos favorecem as ações desengajadas. Entre estes elementos podemos citar a hierarquia entre homens e mulheres, predominante em religiões cujas autoridades são sempre masculinas. Logo, o uso da força para resoluções de conflitos sob a justificativa de reparação da honra por via violenta é elemento significativo para a compreensão das formas pelas quais estes elementos tóxicos circulam na sociedade, de que modos eles acontecem e quais os impactos na construção identitária dos sujeitos, e, conseqüentemente, na adoção de comportamentos violentos.

Por isso, compreendendo a relação entre masculinidade tóxica, desengajamento moral e massacres, propomo-nos aqui a discutir, à luz da psicologia social – com ênfase na teoria dos Desengajamentos Morais de Albert Bandura e nos estudos culturais –, as implicações desta relação. Para tanto, inicialmente, evidenciamos a masculinidade tóxica, produzida

² Autoras como Scott (1995) e Louro (2003) defendem a ideia de que não há uma definição única para a palavra gênero. Louro (2003) lembra que, determinado historicamente, o conceito de gênero e seus conteúdos podem variar conforme a cultura de uma determinada comunidade. Para este artigo, adotamos o conceito de Louro (2003), segundo quem o gênero diz respeito a papéis socialmente atribuídos em função do sexo. “O conceito passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos. Observa-se que as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos que a constituem” (p. 23).



por uma cultura violenta e reprodutora desta mesma cultura, na qual a reparação da honra associa-se a recursos bélicos e a papéis de gênero androcêntricos que, configurando juventudes masculinas através da experiência reiterada de tédio e da constituição e preservação de imagens onipotentes, induzem-nas à morte como estratégia para ganhar notoriedade.

Em seguida, descrevemos a metodologia do estudo e caracterizamos desengajamentos morais, definidos pela teoria desenvolvida por Bandura e colaboradores. Depois, discutimos desengajamentos morais identificados em uma imagem deixada por um dos perpetradores no *Facebook* e em oito comentários ao massacre, feitos por internautas a partir de notícias divulgadas pela mídia digital. Nesses desengajamentos, analisamos os conteúdos relacionados à masculinidade tóxica, para, nas considerações finais, sugerirmos uma direção de intervenção escolar.

Masculinidade tóxica: vivendo a ilusão de que ser homem basta

Na epígrafe, recorremos aos versos de “Super-homem” (GIL, 1979) para destacar: a masculinidade é uma construção de gênero, ao invés de um dado natural. Ser homem é produto de relações sociais, baseando-se em crenças alimentadas pelas práticas culturais cotidianas. Essa masculinidade é melhor dita no plural e requer, constantemente, dispositivos de reconhecimento social que a garantam, renovem ou a modifiquem.

Não existindo em si mesma, não sendo imanente, tem a consistência de uma “ilusão”, portanto, como no verso do poeta baiano. Nesse poema cantado, o eu lírico dá-se conta de que as masculinidades são limitadas, então, vai recorrer ao que tradicionalmente é apresentado como seu outro – a mulher. Além disso, adiante convida outros homens a se deixarem modificar pelo mesmo movimento – “quem dera pudesse todo homem compreender [...]” – e invoca um masculino melhorado – o Super-Homem – a mudar “como um deus o curso da história”.

É essa abertura à mudança e à diferença que não vemos com frequência, pois os papéis de gênero são construídos para aparecerem como naturais e imutáveis. A ilusão, portanto, é feita para ser contagiante e, em muitos casos, intoxicante. Tanto que, em nossa cultura, a “reparação

da honra” como justificativa para atos violentos é considerada válida, visto que a dignidade e o respeito são características atribuídas como muito relevantes aos indivíduos, sobretudo, no caso do gênero masculino. A honra, assume condição de imperativo – cujo conteúdo está baseado em elementos associados à presunção de superioridade física, intelectual e política – a ser mantido ou restaurado, com o agravante de acreditar-se que, uma vez perdida, a honra só a muito custo será reparada.

A este respeito, Alencar (2019) alerta para existência, no Brasil e em outros países, de uma cultura da honra que favorece a violência. Consoante com esta autora, países nos quais a cultura de valorização da honra é exacerbada, há uma reação mais violenta aos insultos contra honra do que em países nos quais a honra não possui uma significância central. Por isso há, por parte de Alencar, uma defesa de que o estudo da honra é importante para a compreensão de diversos comportamentos sociais, inclusive da violência.

Mas qual seria a relação entre honra e violência? Alencar (2019, p.41) progride destacando que “em países com cultura patriarcal arraigada, a honra está interligada a papéis de gênero desiguais: o homem entende que para ser visto com respeito precisa adotar postura ativa, demonstrar força e exercer a função de provedor”.

Essa mesma reparação da honra via violência é encontrada em escolas brasileiras, nos casos dos massacres. Ou seja, por ter sua honra ferida, ao ser reconhecido como fraco numa cultura que associa masculinidade à força física, ele reproduz o comportamento violento para evidenciar poder, decidindo, inclusive, pelas vidas alheias. Notamos o fato de que o jovem busca mostrar-se forte, mesmo que sua vida não tenha mais sentido e ele decida, também, se matar. Essa reflexão pode ser localizada no caso do massacre sul-coreano, quando o perpetrador convoca outros jovens, fracos como ele, a buscarem a reparação via violência extrema que fere e mata, colocando-os numa ilusória posição de força e poder, mesmo após a morte.

Nos massacres identifica-se, por parte dos autores, uma busca da reparação da honra, encontrando, no espaço escolar, o lócus de sua reparação. Estes jovens, como diria La Taille (2009), antes de decidirem morrer e matar, foram acometidos pelo que este autor nomeia como cultura do tédio e da vaidade, marcas contemporâneas. Vaidade, numa cultura do espetáculo, eles sofrem o peso de se pensarem como fracos, vivendo sob a dor da invisibilidade, da vergonha, por terem a si associadas



características de pouco prestígio social. Tédio, sendo reconhecidos como sujeitos fracos, construíram uma vida sem sentido, pautada no desespero, na paralisia, na raiva, no destempero e na descrença da vida – o que nos leva a pensar nos processos compensatórios associados a essa cultura.

Numa cultura da honra, como descrito por Alencar (2019), a existência da vaidade e do tédio se torna ainda mais grave e promotora de violência. Isso porque, a honra, relevante numa cultura machista como a brasileira, se torna ainda mais alvo de reparação via comportamento violento quando equacionada à cultura da vaidade, difundindo práticas em que não se identifica valor nos sujeitos que não desfrutam dos aspectos garantidores da honra. Ainda, pensando na cultura do tédio, vale destacar o problema do sentido da vida, reconhecendo que ela pode perder sentido quando o sujeito é destituído da ideal honra valorizada e divulgada na cultura da vaidade.

Para nós esta relação se evidencia quando constatamos serem todos os perpetradores do gênero masculino. Essa associação entre imagem social de fraqueza, busca da honra e uso de armas de fogo é bem característica do gênero masculino. Em nossa cultura, mulheres, vistas como frágeis, podem ser valorizadas como delicadas, ao passo que os homens possuem sua dignidade amplamente ferida, caso a potência física e a pretensa superioridade social lhes sejam postas em questão.

Sobre isso Alencar (2019) alerta para o fato de que há variação da compreensão de honra de uma cultura para outra, de modo que nas culturas em que os olhares alheios possuem muito valor – culturas mais heterônomas, como nos diria Piaget (1994) – como aquelas machistas, nas quais o ser homem significa ser reconhecido como superior – a violência física é mais presente.

Nestas culturas, a masculinidade tóxica se torna ainda mais grave. Esse destaque nos é apresentado em um estudo publicado por Lopes (2012) quando analisa a predominância feminina entre as vítimas do massacre de Realengo. Para ele, há uma natureza misógina nos assassinatos praticados por Wellington, que escolheu, intencionalmente, suas vítimas. Admirador de religiões fundamentalistas, em especial o grupo terrorista Al Qaeda, Wellington enxergava nas mulheres seres menos puros e, portanto, mais descartáveis. Este pesquisador chama atenção para o fato de que Al Qaeda “é composto exclusivamente por homens, e que em outros grupos semelhantes de fanáticos, mulheres são utilizadas, no máximo, como veículo para a execução de atentados”

(LOPES, 2012, p. 35). Desse modo, não é apenas o discurso religioso que precisa ser analisado na compreensão deste massacre, mas, sobretudo, o discurso de gênero difundido via religião. É nestes trilhos que relacionamos a forma tóxica pela qual se constrói a identidade de gênero masculina, considerando que nos homens, a expressão da agressividade, sob a ótica do senso comum, é tida como traço natural na construção da identidade masculina, muitas vezes com base em discursos biológicos – em que a testosterona é associada à agressividade, por exemplo (MORAES, 2014). Outra possibilidade de análise é feita numa perspectiva cultural, que revela o caráter histórico dessa associação.

A violência é percebida em vários ambientes (instituições educacionais ou não), que usam discursos marcados por jargões machistas, como “isso é coisa de homem”; “comporte-se como um homem” ou “é melhor você chamar um homem para resolver isso” para distinguir e direcionar tarefas divergentes a cada grupo de pessoas, designando, em especial, o uso da força, física ou simbólica, ao grupo masculino.

De fato, instituições sociais reproduzem discursos e concepções de masculinidade tóxica que sustentam uma cultura da honra na qual a violência é atributo de valor, a exemplo das Forças Armadas, cujos quadros ainda são majoritariamente ocupados por homens. Isto é, a posição do gênero feminino, na sociedade androcêntrica reafirma-se desigual e mulheres (ou quem diferir de seu papel de gênero) não têm reconhecido a mesma influência do masculino nos papéis que desempenham. Estas diferenças históricas marcam posições sociais, sendo produzidas por uma cultura que, como vimos, atribui valor desigual aos gêneros (LOURO, 2003; SCOTT, 1995).

Ora, como insistimos, ela não é natural, mas foi gerada num contexto cultural nos quais a vaidade e a honra são centrais. A identidade é culturalmente construída por meio da atribuição de papéis, sendo central para constituição de representações de si com valor. Esta premissa é defendida por Stuart Hall (2006) ao tratar do sujeito pós-moderno, destacando que as identidades são celebrações móveis, formadas e transformadas em relação aos modos pelos quais os sujeitos são construídos nas culturas que os rodeiam.

De fato, para compreendermos os malefícios, bem como o público alvo dessa masculinidade tóxica, resgatamos o conceito de Sculos (2017) que diz ser essa masculinidade usada para se referir a uma coleção inter-



relacionada de normas, crenças e comportamentos associados à masculinidade que são prejudiciais para mulheres, homens, crianças e sociedade de maneira mais ampla.

Paula e Rocha (2019) fazem uma importante relação entre masculinidade tóxica, o machismo e o feminicídio, e nos apresentam um aumento considerável nos casos de violência doméstica nas últimas décadas, por decorrência da postura de superioridade do homem, nociva aos relacionamentos interpessoais.

Dentre as formas de violências ocorridas em decorrência dessa masculinidade, encontra-se a discriminação no mercado de trabalho, com ênfase contra os homossexuais (MOURA, 2019), pois este grupo – juntamente aos dos bissexuais e transexuais – descentraliza e critica os fundamentos do androcentrismo, sendo revidados pelo homem tóxico com palavras agressivas baseadas na comparação com mulheres, que pretende soar como uma ofensa (das quais “mulherzinha” e seus afins são o protótipo), e assim fazer emergir o seu traço da masculinidade viril, a superioridade. Logo, na masculinidade tóxica, o preconceito contra pessoas LGBTQIA+ só evidencia as premissas de base: mulheres são inferiores e homens que se aproximem do gênero feminino, ou mulheres do masculino, devem ser punidos por infringirem a norma de gênero – que é tomada como uma norma “natural”, “inerente à diferença sexual”. Devemos reconhecer, porém, que o ataque de gênero continua preservando a presumida superioridade masculina: homens que se aproximam do feminino recebem diminutivos (“mulherzinha”), enquanto mulheres que são associadas ao masculino são qualificadas com aumentativos (“sapatão”), por exemplo. Ainda que os afixos pareçam insignificantes, eles, ao contrário, são indicativos das marcações de poder hierarquicamente distribuídas conforme os gêneros, sempre mantidos os privilégios ao masculino, em função da misoginia e do androcentrismo. Encontramos outros elementos, também, nas escolas, que, longe de romperem com a segregação de gênero, terminam por perpetuar essa desigualdade, separando meninos de meninas em vários momentos, incluindo os lúdicos, com a justificativa de que “ah, brincadeiras masculinas são agressivas”.

Nestes contextos culturais de vaidade expressos via valorização da honra e do espetáculo, atrelados ao vazio existencial provocado pela cultura do tédio, urge discutir os elementos culturais que difundem e perpetuam estas culturas de negação das vidas diferentes e não possuidoras dos atributos garantidores da honra. Um deles é o referente

aos desengajamentos morais, descritos por Bandura (2002) como um conjunto de mecanismos autoexonerativos, ativados pelo sujeito, para explicar ou justificar condutas que contrariam os valores morais.

Chegando a Suzano: metodologia da pesquisa

O estudo que gerou este artigo orientou-se pelo método qualitativo. Para a coleta de dados, recorreremos, empregando os termos de Bauer (2007), a unidades de amostragem identificadas em comentários a postagens feitas à época por um dos perpetradores do massacre no Facebook, associados a notícias veiculadas por jornais de grande circulação (Folha de São Paulo, Estado de São Paulo) e portais regularmente frequentados na internet (G1 e Terra).

Tal opção se justifica por ser este espaço um locus importante de construção identitária, envolvendo um alto percentual de crianças, jovens e adultos que se relacionam à distância e constroem identidades culturais de pertença a determinados grupos que expressam valores e modos de ser. Devemos lembrar, com Lévy (2000), ser a internet o sistema de disseminação rápida de notícias e de interações digitais mais importante da contemporaneidade. Desse modo, ganhando forças em meados da última década, as trocas pela internet fizeram com que o massacre em Suzano fosse o mais impactante e reconhecido nacionalmente, motivando estudos e discussões como o que empreendemos.

Foram recolhidas, inicialmente, como unidades de registro, notícias sobre o massacre de Suzano e alguns dos comentários respectivos, disponíveis nas referidas unidades de amostragem. De acordo com Botão, Souza e Ribeiro (2019), as análises de conteúdos disponíveis nas mídias se tornam importantes, a fim de que se possa perceber como os massacres estão compreendidos e se delimite melhor sua anatomia. Portanto, as notícias aqui analisadas compuseram uma unidade temática, nos termos retomados por Bauer (2007), tanto em sua produção original (já que, sobretudo os comentários, apresentaram juízos sobre os massacres) como em sua classificação (a partir de nossa ilustração de cada tipo de desengajamento moral, em sua relação com a masculinidade tóxica).

Em seguida, selecionamos, aleatoriamente, oito comentários que ilustrassem cada um dos desengajamentos morais, assim como uma imagem (fotografia produzida pelo perpetrador mais jovem e postada no *Facebook*), por sua relevância, inferida pela autoria e pelo conteúdo visual



(em estreita relação com as categorias “masculinidade tóxica” e “desengajamento moral”), os quais foram retirados de conta associada ao perpetrador. Ora, após a coleta desses dados, o perfil foi desativado pela administração do *Facebook*, sob alegação de ferir a política dessa rede social, impedindo-nos, infelizmente, de referenciar uma fonte atualizada dos comentários.

Os comentários e a imagem, tratados como documentos – e, nesse sentido, de acesso e análise prévia, pública e implicitamente autorizados – foram analisados, respectivamente, através da análise da enunciação, tal como definida por Bardin (2011), e da análise semiótica de imagens paradas, descrita por Penn (2007), de modo que em ambos os tipos de trabalho foi presumido um sistema de comunicação baseado em signos, permitindo identificar conteúdos comuns aos distintos tipos de documentos. Tanto é assim que para esta última autora, “o sentido de uma imagem visual é ancorado pelo texto que a acompanha, e pelo *status* dos objetos, tais como alimento ou vestido” (PENN, 2007, p.321).

Por fim, destacamos: mesmo não tendo certeza de que os nomes dos autores de comentários às notícias que identificamos sejam verdadeiros e que tenham sido empregados pelo(a)s próprio(a)s nos seus textos tornados públicos, recorreremos, em casos de verossimilhança, abreviaturas para citá-los.

Desengajamentos morais a partir do massacre em Suzano

As motivações para prática de um massacre precisam ser amplamente discutidas, a fim de que episódios como estes não sejam considerados fatalidades inevitáveis. Com isso, nos debruçamos sobre os aspectos culturais dos massacres, buscando compreender quais valores podem ser identificados via discursos desengajados dos comentários em Redes Sociais.

Se, como mostramos, a masculinidade tóxica é um aspecto marcante associado ao gênero masculino androcêntrico, desenvolvendo-se em função de uma sociedade cuja definição de gênero é claramente configurada sobre valores não morais, que, geralmente, supervalorizam os aspectos estéticos do indivíduo, como a força, a beleza, o poder, entre outros, é preciso tomar essa variável, nos termos de Penn (2007), como

sistema de referência ou pano de fundo para entender processos de desengajamento moral.

Assim, não teria sido possível pensar sobre a relação entre massacres nas escolas e desengajamentos morais sem tratar sobre identidade de gênero por um viés cultural. Visto que, nos massacres, identificamos uma clara manifestação da masculinidade tóxica, desenvolver a análise no vértice dos desengajamentos morais presume considerar padrões sociocognitivos morais em torno do gênero, capaz de influir decisivamente nos valores que conduzem a própria conduta.

Isto tudo pode ser bem identificado nas Figuras 1 e 2, a seguir, produzidas pelo perpetrador de 17 anos e por ele postadas em sua rede social antes do massacre:

Figura 1: Gesto ofensivo com mão



*Fonte: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/atirador-suzano-facebook/>
Acesso em 20 de outubro de 2020.*



Figura 2: Empunhadura de revólver



Fonte: <https://veja.abril.com.br/brasil/policia-prende-suspeito-de-ter-vendido-arma-a-autor-de-massacre-em-suzano/> Acesso em 20 de outubro de 2020.

Considerando, como recomenda Penn (2007), as vestimentas e o ambiente como indícios de análise, vemos imagens cujo ângulo indica um ambiente fechado, que permite o contraste de cores e sugere também a privacidade (quarto, sala etc.). Tratam-se de fotos autorais e solitárias, adotando padrões visuais semelhantes aos de *selfies*. Logo, como autorretratos, pretendem comunicar uma interpretação sobre a identidade do fotografado. Na Figura 2, por exemplo, o ângulo posiciona a fotografia em posição superior, central – enfatizando a figura retratada em posição de poder prevalente (em relação ao espectador), sem dividir o espaço da imagem com outra pessoa, numa idealização de si que lembra, ao mesmo tempo, a imitação de seus antecessores em Columbine³. Guilherme apresentou-se como desejava: não só superior, como adornado de acessórios que reforçam essa identificação, a um só tempo etária, grupal e temática.

Assim, ele se apresentava como um jovem soldado, um guerreiro solitário, à maneira de herói. A cor preta, predominante em seu boné, máscara e blusa, segundo o senso comum remete à obscuridade, associada à tristeza ou terror, mas também ao disfarce e ao uniforme de paramilitares, que – juntamente a sua máscara, mostrando ossos da parte

³ Há uma série de simetrias entre as ações dos perpetradores nos respectivos massacres, a ponto de supor-se que os perpetradores do massacre em Suzano se espelharam nos seus antecessores de Columbine (ROMANO, 2019).

inferior de crânio humano, parte de uma caveira – exprime a noção de morte que, em símbolos policiais (como os brasões dos Batalhões de Operações Militares do Rio de Janeiro e de Santa Catarina), é associada à da justiça (e, por derivação, do bem). Seu dedo médio em riste na Figura 1, por sua vez, expõe um gesto muito comum, associado ao pênis ereto com acepção, em geral de ataque ao interlocutor, ou erótica (essa, menos pública) – mas, sempre, de atividade preponderante e, portanto, agressivamente fálica.

Ao mesmo tempo, a comparação proposital com a Figura 2 apresenta uma metonímia entre mão/dedo e arma de fogo. É pelo cotejo que a Figura 1 revela sua semântica mais extensa: trata-se não só de uma ofensa simbólica, mas real: num só movimento (na Figura 1), dedo, falo e arma equivalem-se. Essas imagens visam, portanto, à intimidação e presumem inimigos a serem vencidos, pela força, inclusive bélica.

Os conteúdos da masculinidade tóxica estão, assim, escancarados: a honra masculina é identificada com uma imagem de superioridade que serve para confirmar seu lugar masculino como agressivamente fálico, para poder ser reconhecido como corajoso. Por mostrar o dedo e a arma em punho, Guilherme atualiza a síntese que reduz a masculinidade a um só perfil, considerado não só válido, como valoroso. Como vemos, se o massacre não se explica somente por essa variável, ela, por sua vez, não pode ser descartada nem menosprezada.

Numa sociedade do espetáculo como a nossa, esta forma de se colocar nas redes sociais, no dia mesmo do massacre (que incluía sua morte), evidencia a forma como o jovem desejava ser lembrado, construindo, para si mesmo, valor a partir de marcas culturais presentes numa masculinidade tóxica. Ora, considerando que as notícias sobre o evento provocaram centenas de comentários, interessou-nos, então, examiná-los, para extrair, das formas como pessoas faziam a leitura da imagem e do massacre praticado, desengajamentos morais, ao reafirmando, ao mesmo tempo, conteúdos da masculinidade tóxica. Nossa premissa era a de que, pela perspectiva da identidade cultural, a violência inerente à masculinidade tóxica, no caso dos massacres, não seria encontrada apenas no perpetrador: está também em quem, desengajadamente, julga de maneira louvável ou tolerável a conduta dele, apreciando-a ou justificando-a.

Para Bandura (1999), o desengajamento pode ser explicado como um conjunto de justificativas utilizadas por sujeitos comuns – aqueles que



comumente não fazem uso da violência ou do comportamento imoral – para não se envolverem moralmente em uma situação que exige reação e indignação. O estudioso descreve oito mecanismos autoexonerativos (BANDURA, 2015), os quais serão definidos em cada ilustração, a seguir.

GUILHERME, Enfim, conseguiu tudo que queria, né, meu amor? Seu medo era apenas ser esquecido, jamais será, porque ganhou com seu ato uma legião de fãs, que jamais te deixarão morrer. Obrigada, Meu Anjo, por tudo...

E peço a Deus todos os dias, para um dia poder te reencontrar, e ficar pertinho de você lá no céu no nosso cantinho... Guilherme não morreu, só voltou para casa.... (YS, gênero feminino, comentário postado no *Facebook* em conta cancelada pela rede social)

O texto apresentado evidencia a linguagem eufemística, interpretação da violência amplamente utilizada para tornar respeitável a conduta danosa e para reduzir a responsabilidade pessoal por ela. Esta forma de desengajamento é bastante grave, pois as pessoas comportam-se de forma muito mais cruel quando as ações agressivas são verbalmente saneadas, do que quando são qualificadas de agressão:

No caso do massacre, esse tipo de linguagem se apresenta em comentários que tratam o caso como um ato heroico, de coragem, que outras pessoas não fizeram por falta dela. “Porque ganhou com seu ato um legião de fãs”, evidenciando admiração, ou seja, essa pessoa se orgulha do fato, e seu posicionamento torna-se desengajado e agressivo porque se entende que ela faria o mesmo, sem remorso algum pelas vítimas.

Como vimos, YS enxerga no perpetrador um “anjo” que está no céu e ela espera reencontrá-lo (“Guilherme não morreu, só voltou pra casa”), numa evidente hipérbole com que pretende realçar o eufemismo da ação (anjos são concebidos como seres divinos opostos a demônios, no senso comum). Seu comentário, num estilo confuso, apresenta as seguintes proposições: o rapaz foi bem-sucedido (“enfim, conseguiu tudo o que queria”, “ganhou uma legião de fãs”); o rapaz é inesquecível, tanto na memória dos fãs quanto na vida espiritual; YS quer conviver de perto com ele, adotando uma linguagem que sugere fortemente o tom amoroso, quicá romântico (“meu amor”, “meu anjo”, “ficar pertinho de você... no nosso cantinho”). Como figura de retórica, YS recorre à repetição, à denegação e à hipérbole em torno dos temas da imortalidade ou de seu equivalente, a eternidade – que aparecem seis vezes, em torno dos pares esquecimento/memória (ligados à repetição do fato eufemicamente transformado em heroico, duas vezes); distanciamento/proximidade (ligados, duas vezes, à relação entre lugares que YS dá a si e a Guilherme);

e morte/vida (duas vezes presentes, sendo a vida equiparada à memória e, depois, à eternidade) – para negar a carga moral negativa e invertê-la.

Assim, sem negação do conteúdo moral no ato do perpetrador, ele é totalmente invertido, e a violência santificada. Inegável reconhecer que esse desengajamento, ao dourar a realidade, concorre para a conservação da violência que subjaz à masculinidade tóxica. Não é demasiado lembrar: YS é uma mulher e recorre a uma linguagem terna em correspondência complementar com o previsto para seu gênero pelos códigos androcêntricos – homens corajosos são fisicamente fortes e violentos, ao lado de mulheres frágeis e dóceis. Nesse sentido, podemos afirmar que também a autora do comentário está presa à ilusão referente aos papéis de gênero – inclusive o seu – de sorte que esse esforço de manutenção da ilusão manifesta-se, no caso de seu comentário, pela linguagem eufemística. A partir desta observação destacamos que a masculinidade tóxica é danosa para toda a sociedade, inclusive para as mulheres que dela sofrem influência em seus modos de ser e relacionar com as outras pessoas.

Segunda forma de desengajamento moral (BANDURA, 2015), a comparação vantajosa é uma maneira de fazer com que uma conduta prejudicial possa parecer boa quando comparada a outra moralmente mais grave. Nesta forma de desengajamento o comportamento é sempre representado de acordo com o que é comparado, de modo que, através do contraste, atos repreensíveis possam parecer justos ou com pouca gravidade.

Não encontramos um comentário cujo desengajamento focasse o massacre em si, mas um que usa o massacre para fazer uma comparação vantajosa com o uso de armas, de modo a positivá-lo. Foi o caso, registrado por Romano (2019), da fala do senador Major Olímpio (PSL-SP), policial militar de São Paulo que, à época apoiando o governo Bolsonaro, defendeu a flexibilização da aquisição e uso de armas, ao tratar do massacre em Suzano: “Se tivesse um cidadão com arma regular, isso poderia ter sido minimizado”.

Ora, chamam-nos a atenção três termos desse comentário: “cidadão”, “regular” e “minimizado”. É certo que o senador produz uma hipótese que, reconhecendo o mal produzido pelo massacre, afirma o valor inerente à ação: ela foi, em si mesma, má e deveria ter sido evitada. A comparação vantajosa – evidenciada pelas três palavras – é construída a partir daí: num paradoxo quase óbvio, ele defende o uso de armas para...



evitar os malefícios do uso de armas – só que, neste caso, por pessoas “irregulares”, parafraseando o adjetivo do parlamentar. O problema, na análise do ex-apoiador de Jair Bolsonaro, não está nas armas, mas em quem as usa – alguém sem equilíbrio psicológico, por exemplo (reduzindo-se toda a responsabilidade ao nível pessoal, cujo comportamento irregular é explicado através psicopatologia).

“Cidadãos regulares”, no uso de armas, empregam-nas para a defesa da vida: esse é o princípio implícito que, como retórica, está presente no comentário do senador Olímpio. Assim, o Major não só recusa admitir que o fácil acesso a armas propicia, numa cultura de violência como a nossa, maiores chances para a ocorrência de massacres como o de Suzano (retomando, desse modo, um discurso da indústria bélica estadunidense), mas ainda defende, na comparação entre “regulares” e seu oposto (os “irregulares”), o uso de armas, para “minimizar” os estragos da chacina. É claro que podemos inferir dessa afirmação em torno da multiplicação de armas uma ideia frequente entre policiais – afinal, eles e elas são presumidamente “cidadãos com armas regulares. Mas essa hipótese ultrapassa os limites da ação policial: um cidadão não precisa ser policial para usar uma arma de modo regularizado, afinal. E responder a um mal com outra ação considerada boa ou até melhor que caracteriza uma forma de comparação vantajosa.

Nesse comentário também podemos encontrar uma difusão de responsabilidade (de que trataremos adiante), ao afirmar, implicitamente: “a sociedade, não os perpetradores, é responsável pelo massacre por manter-se desarmada” – mas, em primeiro nível de evidência, vemos, então, construída uma comparação vantajosa entre o que foi... e o que, no entender do senador, deveria ter sido (em favor desta hipótese, insistimos).

O comentário do senador é um bom exemplo do quanto desengajamentos morais podem estar articulados, muitas vezes intimamente, numa avaliação: a comparação vantajosa, num primeiro plano, aponta para a difusão da responsabilidade, em segundo. Ajuda também a entender essa dupla presença numa só sentença o fato de que, embora as representações de violência dentro do ambiente educacional sejam recorrentes, massacres, por sua menor frequência, ainda são por vezes tratados como um fenômeno novo (ou, senão, de gravidade máxima), em relação ao qual seja difícil estabelecer comparações. Desse modo, compromete-se a anatomia desta violência, recorrendo ao termo

de Botão, Souza e Ribeiro (2019), por não se relacionar as causas do massacre a outros episódios de violência escolar, por exemplo.

O texto apresentado evidencia o deslocamento de responsabilidade. Essa forma de isenção moral se caracteriza por obscurecer ou minimizar o papel de agente no dano que a pessoa pode causar, intensificando, por isso, o comportamento violento:

Muitos estão aqui te criticando, mas eu entendo seu lado, não deve ser nada fácil sofrer bullying e não ter amigos, não ter ninguém para ficar com você, a escola toda te zoando, te batendo, colocando apelidos em você, te tratar igual [a] um ninguém... Eu entendo seu lado e sei que os monstros da história são eles. (SRN, gênero masculino, comentário feito no *Facebook* em conta cancelada pela rede social)

Nesta categoria, o desengajamento aconteceu porque foi retirado a responsabilidade do delito pelo perpetrador e colocado nos praticantes do bullying. Como se o indivíduo dissesse, se não fosse o bullying, se ele tivesse amigos e se fosse tratado como gente nada disso teria acontecido. Ao analisar o episódio de violência a partir deste prisma o autor do comentário busca inocentar o perpetrador, a partir da culpabilização das vítimas do massacre, deslocando as responsabilidades a respeito da violência.

Vale ressaltar que o autor desse comentário tem uma visão perigosa do crime, uma vez que ele tenta justificá-lo através do “[...] mas eu entendo seu lado [...]”, ou seja, ele minimiza a ação do perpetrador e faz com que o massacre tenha sido uma consequência do comportamento das vítimas, por ele culpados. Já em “[...] os monstros da história são eles”, SRN desloca a responsabilidade tanto para às vítimas, culpados pelas práticas de bullying, quanto para a sociedade, por nada ter feito para evitar o massacre.

Este deslocamento é bastante recorrente em casos nos quais ocorre bullying na escola. A pesquisa de Gonçalves (2017), por exemplo, chama atenção para o fato de que as vítimas dessa violência responsabilizam, também, os espectadores da violência, posto que, no julgamento dos vitimizados, eles nada fazem para pôr fim aos maus tratos e, ainda, por vezes o potencializam.

O quarto mecanismo de desengajamento moral é a “difusão de responsabilidade”, estratégia utilizada quando as pessoas veem suas ações como consequências das pressões sociais ou imposições alheias:

Não tem nada a ver [com] as drogas, é o fascismo representado pelo presidente do Brasil. O ódio que vocês espalham pelo Brasil. Um



adolescente acredita [em] muitas coisas. Sem os discursos de ódio no seu país, o ato terrível não teria acontecido. Não são as drogas, é o ódio criado no Brasil pelos que vocês escolheram para governar. Que povo tão distraído. (MB, gênero masculino, comentário feito no *Facebook* em conta cancelada pela rede social)

Nesta categoria a responsabilidade é atribuído inteiramente ao atual presidente do Brasil, ampliando a responsabilidade para uma cultura de difusão de ódio ao presidente atribuída. E justifica que ele, o perpetrador só cometeu o delito porque foi influenciado por ações desse governo. Ou seja, a ação foi consequência do posicionamento agressivo governamental que diretamente influencia a todos, determinando as suas ações.

Não temos dúvidas de que a cultura e os valores por ela difundidos demarcam modos de ser e estar no mundo. O que chamamos atenção, via difusão de responsabilidade, é o caráter determinista utilizado via desengajamento, que desimplica o sujeito de sua própria responsabilidade.

Em “não tem nada a ver [com] as drogas [...]” entende-se que alguém, no espaço na qual estava sendo discutido o massacre, pode ter tentado explicar o crime através do uso de drogas pelos perpetradores, com isso o autor intervém, “[...] é o fascismo representado pelo presidente do Brasil [...]”, ou seja, ele difunde a responsabilidade para o grupo político de extrema direita e conservadora, que defende, por exemplo o uso de armas fogo. O discurso do presidente do país e de seus aliados, comumente é expressado de forma agressiva, e com isso os perpetradores podem ter sido influenciados pelos discursos políticos uma vez que o autor afirma “[...] um adolescente acredita [em] muitas coisas [...]”.

Vale ressaltar que justificar o massacre pelo argumento exclusivo do uso de drogas é uma estratégia de difusão da responsabilidade, posto que enxerga o sujeito apenas como produto da pressão social, desresponsabilizando-o.

A “justificativa moral” é o quinto mecanismo de desengajamento, caracterizado pela tentativa de reconstruir cognitivamente conduta antissocial de modo a torná-la socialmente aceitável, justificando-a.

Só o Guilherme sabe o que passou nesses últimos anos. Se ele fez tudo isso, foi porque ele não aguentava mais sofrer na mão dos outros. Eu tenho certeza [de] que ele comunicou a alguém da escola, pelo [que] os outros alunos estavam fazendo com ele. Guilherme não foi ouvido, e cansado de ser ignorado e humilhado na Escola, ele resolve fazer isso. Tomou suas próprias providências. Eu não tiro a razão do Guilherme,

pois só ele sabe do tamanho da dor que ele aguentou, esse tempo todo. Que Deus o tenha no céu, que ele seja um anjo de luz, e que siga o caminho de paz e harmonia, sei que ele [es]tá em um lugar bom. Agora ele vai descansar em paz.” (JD, gênero masculino, comentário feito no *Facebook* em conta cancelada pela rede social)

O desengajamento nomeado de Justificativa Moral é expresso a medida que o sujeito inicia o seu comentário modificando a ação massacre (ou homicídios e tentativas de homicídio) por isso ou tudo isso. Afirmando: se ele fez tudo isso, o autor do comentário não expressa o que de fato ocorreu, justificando moralmente a ação de matar outras pessoas, o que atenua a gravidade do fato. Ademais, percebe-se desengajamentos em “[...] se ele fez tudo isso, foi porque não aguentava mais sofrer na mão dos outros [...]”, ou seja, o autor cria todo um cenário para justificar o crime, como “[...] eu tenho certeza [de] que ele comunicou a alguém da escola [...]” mas a escola nada fez para que o sofrimento do perpetrador dentro do ambiente educacional fosse minimizado. “[...] Guilherme não foi ouvido, e cansado de ser ignorado e humilhado na Escola, ele resolve fazer isso [...]” o autor insiste dizendo que o perpetrador mais jovem deu indícios de que estava sendo vítima de bullying e de ações agressivas pelos outros alunos, mas seu sofrimento foi negligenciado, explicando assim o feito. Em “[...] eu não tiro a razão dele [...]” o autor se posiciona, se coloca no lugar do perpetrador e possibilita-nos compreender um “eu faria o mesmo”, o que conota a justificação da ação de matar.

Ademais, ao garantir que o perpetrador do massacre havia feito tudo que estava ao seu alcance antes do massacre, o autor do comentário justifica os crimes como uma alternativa incontornável. Após justificar moralmente a conduta do perpetrador mais jovem, JD utiliza da linguagem eufemística para complementar o seu comentário “[...] que ele seja um anjo de luz [...]”, “[...] que siga o caminho da paz e harmonia [...]”, “[...] agora ele vai descansar em paz [...]”, reduzindo a responsabilidade do perpetrador e tornando aceitável e até respeitável a conduta dele. Ainda, coloca-o num lugar privilegiado de que alguém que, vitimado em terra, encontrará a paz nos céus.

“Atribuir culpa às circunstâncias ou às adversidades” de alguém é a sexta forma de desengajamento moral. Através da “atribuição de culpa” as pessoas que praticam condutas inadequadas se veem apenas como vítimas, sendo direcionadas a condutas nocivas por uma forçosa provocação.

“Porque filha da puta é quem não entendia o que ele passava, o sofrimento dele, e então não fica xingando a família deles, tá? Vocês



não têm que ver só o lado das crianças mortas, ele também [tem] família, estamos juntos, [es]tá [bem]? Se precisar de mim, [es]tou aí” (LS, gênero feminino, comentário feito no *Facebook* em conta cancelada pela rede social).

O desengajamento moral se apresenta em “porque filha da puta é quem não entendia o que ele passava, o sofrimento dele [...]”, com isso o autor atribui a culpa às vítimas do massacre praticantes do bullying contra o perpetrador. Isto é, LS considera o perpetrador apenas como vítima das pressões e violências ocorridas dentro do ambiente educacional, tornando-o quase que um mártir.

Não pretendemos dizer, a partir deste argumento, que os perpetradores de Suzano não eram/foram alvos de bullying. Há indícios, inclusive, que tenham sido. O que chamamos atenção, ao discutir o comentário que culpa as vítimas do massacre, é o quanto esta forma de interpretar o fenômeno favorece a inibição da autorregulação, condição necessária para que o sujeito compreenda a violência como desrespeito e a repulsa. A autorregulação é, portanto, “um sistema interno e autônomo de conduta moral” (PUIG, 1998, p. 114), sendo condição necessária para que as pessoas ajam de forma justa e empática.

Compreender as múltiplas variáveis que favorecem as violências, incluindo as relações entre bullying e massacres, é diferente de desimplicar os autores dos homicídios da responsabilidade de terem tirado próximo de uma dezena de vidas.

Outra forma de desengajamento moral é a “minimização, ignorância ou distorção das consequências”, caracterizada pela diminuição do mal praticado, evitando encará-lo ou negligenciando-o: “Matou foi pouco! Só fiquei com pena da velha mesmo, mas o resto que se foda” (JK, gênero masculino, comentário feito no *Facebook* em conta cancelada pela rede social).

O desengajamento moral, nesta categoria se apresenta em “matou foi pouco [...]” em que a ação cometida é vista com pouca ou quase nenhuma gravidade. Ora, o que o autor do comentário quer dizer é que, em Columbine, em 1999, um evento similar ocorrido anteriormente aconteceu um episódio “ainda mais grave”, terminando por vitimar fatalmente 15 pessoas, incluindo a morte dos próprios perpetradores e ferindo mais 25. Do mesmo modo, outra ocorrência semelhante se deu no Brasil, em Realengo, em 2011, na qual o perpetrador feriu 12 crianças, matou outras 12 e, após ser atingido por uma arma de fogo, veio a óbito. Ou seja, nesses dois eventos ilustrados, tanto o número de feridos quanto

de mortos foi maior, então o número de vítimas em Suzano, quando comparado a outros episódios de natureza similar, poderia, também, ter sido mais grave, o que leva a minimização das consequências deste ato. Ao dizer ainda “[...] o resto que se foda”, o autor retira a importância de todas as vidas que estavam na escola no momento do massacre. Em Suzano a quantidade de vítimas foi tão insignificante diante do sofrimento vivido pelos perpetradores que estes poderiam ter ferido e matado mais. Em “[...] só fiquei com pena da velha mesmo [...]”, o autor do comentário demonstra remorso apenas pela mãe de um dos perpetradores, isto é, toda a sua solidariedade é deslocada para uma mãe, afinal, ela, e na visão dele, só ela, sentirá e carregará marcas desse massacre, ignorando ou minimizando o fato das demais vítimas, por exemplo, também possuem entes queridos que estavam sofrendo suas mortes.

Por fim, a última forma de desengajamento moral é a “desumanização”, que consiste em transformar uma pessoa em alguém em que não se reconhece como outro, num estranho: “O lugar dele é no inferno, ele vai queimar no fogo, sua alma não é mais sua, você nunca terá mais paz, seu lixo” (CE, gênero masculino, comentário feito no *Facebook* em conta cancelada pela rede social)

Em “o lugar dele é no inferno” e “ele vai queimar no fogo” as duas referências: inferno e fogo, são conceitos presente em diferentes religiões e mitologias, em que representa um lugar de condenação e sofrimento de pessoas más. Ou seja, o autor considera o massacre a ação máxima e o oferece o lugar de total sofrimento. Nesta categoria o desengajamento moral se apresenta, também, na comparação do perpetrador com o lixo, em que o coloca numa situação de inteira inferioridade. Como se o comentário expressasse: “você não merece viver” ou “você não é gente”.

Não é demais lembrar que toda a semântica do termo “lixo” aponta para o valor nulo (ou mesmo negativo) atribuído a algo que se descarta, sem qualquer remorso - ao contrário, em nome do bom senso e, até, da limpeza. Equivaler alguém ao lixo é destituí-lo de qualquer traço humano, tornando-o puro objeto, o que coincide com o conteúdo típico à desumanização.

O que chama a atenção é enxergar que esse processo não é raro, mas, a julgar pela desinibição de CE, corriqueiro: quando um outro ser humano pode ser descartado, o que o número considerável de mortes num massacre também evidencia, constata-se a força desse desengajamento. Ele é tão perverso que consegue esvaziar o horror da indignidade,



neutralizá-la ou, até, como no comentário de CE, positivar a morte de outro ser humano (mesmo que ele seja um perpetrador). Desumanizar assassinos é uma estratégia discursiva que tende a conservar as representações identitárias dos falantes: se o outro é um monstro ou lixo, eu não corro riscos de misturar-me com ele, continuo humano e minha dignidade, segundo os parâmetros culturais, está preservada.

Por uma crítica escolar das ilusões de gênero: considerações finais

Não é possível falar sobre a relação entre violência, masculinidade tóxica e as formas de desengajamentos morais sem tratar de identidade de gênero por um viés cultural. Isso porque considerar desengajamentos morais é discutir padrões sociocognitivos morais da própria conduta – para cujo entendimento, associado às variadas manifestações de violência e às representações que sobre ela fazemos, o gênero é uma categoria decisiva. Deste modo, consideramos que as teorias de gênero ajudam a entender, com uma perspectiva da identidade cultural, as relações entre uma cultura que constrói formas de masculinidade tóxicas e as violências letais, como são os casos de massacres envolvendo escolas em todo mundo e outras formas de homicídios que correspondem a maior causa de mortalidade entre homens jovens no nosso país.

Destacamos que os efeitos nocivos desencadeados pela cultura fomentadora de masculinidades tóxicas não atingem, apenas, os perpetradores dos massacres. As análises aqui realizadas evidenciam: os discursos moralmente desengajados de análise das violências trazem ao centro da discussão os impactos negativos dos elementos da masculinidade tóxica em toda sociedade. Esse fato se evidencia nas falas de quem, moralmente desengajado ou desengajada, julga de maneira louvável ou tolerável a conduta violenta evidenciada nos massacres, apreciando-a ou justificando-a, o que nos ajuda na compreensão da ocorrência dessa manifestação de violência.

É patente a relação entre a masculinidade tóxica e as violências dos massacres, cujos elementos confirmam as significações discursivas que associam masculinidade e virilidade à agressão – do gênero e idade dos autores (todos eles homens jovens) até a escolha das armas utilizadas nos crimes (em todos eles houve a utilização de armas de fogo). Desse modo, vale reiterar: não é por acaso que em massacres ocorridos em

território brasileiro todos os perpetradores tenham sido do gênero masculino e, na escola, após episódios de destituição da honra (intimamente associada à sua masculinidade), tenham buscado reparação através da violência manifesta pelo uso de arma de fogo.

Outra evidência está na associação entre práticas de massacre e experiências de bullying que, de forma violenta e sistemática, atingem a honra dos alvos da violência perante uma plateia que legitima e compactua com a violência. Ora, numa cultura tóxica que constrói masculinidades nocivas, a honra é um atributo valioso ao homem, e, sem ela, a sua masculinidade é gravemente ferida. Quando a isso se soma a convicção de que essa honra pode ser defendida também pelo uso da arma de fogo – representando a arma, nessa cadeia, uma extensão da força e da virilidade (como sugere vivamente o uso do dedo médio ereto, símbolo agressivo do pênis) – enxergamos, então, uma articulação discursiva que alimenta (como foi o caso do massacre de Realengo, por exemplo) a reação violenta de alvos do bullying.

Nos casos de bullying, tendo a honra atingida perante a comunidade escolar, é nela que pessoas do gênero masculino, jovens, autores de massacre em nosso país, buscam a reparação, evidenciando um poder que lhes devolve uma masculinidade letal. Muito embora mortífera, essa violência ainda é valorizada, o que os comentários aqui analisados ilustram bem, pela admiração de quem os escreveu, justificando os episódios de violência e os explicando como único mecanismo possível de resolução de conflitos, de sorte a minimizar os efeitos lúgubres das violências.

Vale considerar que estes efeitos nocivos da cultura machista não são exclusivos do gênero masculino. Há conteúdos expressos em falas de homens e mulheres nos mostrando esse olhar de reparação da honra de forma bastante evidente: “Se ele fez tudo isso, foi porque ele não aguentava mais sofrer na mão dos outros”; “Pq filha da puta é quem não entendia oq ele passava o sofrimento dele”. Justamente por isso, encontramos a minimização dos massacres, mostrando que eles, aos olhos desengajados de alguns, foram até pequenos: “Matou foi pouco”.

Compreendendo que é preciso mudar essa cultura tóxica, criticando seus elementos presentes nas relações com masculinidade e violência, propusemo-nos a discutir os desengajamentos, não na perspectiva de compreender os elementos culturais que sustentam as crenças desengajadas, a fim de construirmos reflexões que nos permitam



construir caminhos educacionais de enfrentamento dessa cultura que legitima a violência e a produz e reproduz.

E se a associação entre masculinidade tóxica e violência saltou a nossos olhos, fica-nos a constatação sobre a importância de que trabalhar para criarmos culturas não violentas exige discutir gêneros, masculinidades e violência nas escolas, para revelar que arranjos de poder desiguais subjazem ao cotidiano, aparentemente tranquilo, que assiste irromperem massacres. Para tanto, defendemos que estes caminhos podem ser percorridos pelos trilhos de uma educação crítica voltada a favorecer percursos educacionais que questionem valores culturais manifestos da sociedade, ao invés de ignorá-los e/ou perpetuá-los.

Tudo isso só é possível a partir de um trabalho educacional sistemático que confronte valores contrários aos direitos humanos, favorecendo justiça social e o desenvolvimento ético de educandos capazes de conquistarem a autonomia necessária para reconhecerem as desigualdades. Nesta perspectiva fica evidente: o papel central da escola é construir um ambiente de socialização, no qual aconteça o desenvolvimento de uma cultura de equidade, que permita uma relação mais assertiva com as diferenças, a fim de que o outro seja tratado e reconhecido como outro e não como estranho.

Portanto, a escola entra como fundamental na reconstrução de uma sociedade em que valores de uma masculinidade tóxica sejam questionados, pois ela é, por excelência, um espaço de formação coletiva. A escola precisa, portanto, discutir criticamente ilusões de gênero – como aquela de que ser homem basta – a fim de garantir o respeito aos valores republicanos, ou seja, aqueles que sustentam práticas de valorização da vida em comum, da dignidade como princípio e da igualdade como pilar. Sem isso, mais massacres em escolas ocorrerão.

Referências

- ALENCAR, Roberta Braga de. **Violência psicológica no casal: gênero, cultura da honra e regulação emocional**. 2019. 78 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019. Disponível em: https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/7111/2/Disserta%c3%a7%c3%a3o_RobertaAlencar_PPGPSI.pdf. Acesso em: 20 set. 2020.
- BANDURA, Albert. Moral disengagement in the perpetration of inhumanities. **Personality and Social Psychology Review**, Santa Barbara, California, v. 3, p. 193-209, ago. 1999.
- BANDURA, Albert. Selective moral disengagement in the exercise of moral agency. **Journal Of Moral Education**, Londres, v. 31, n. 2, p. 101-119, ago. 2002.
- BANDURA, Albert; AZZI, Roberta Gurgel; TOGNETTA, Luciene Regina Paulino (org.). **Desengajamento Moral: teoria e pesquisa a partir da teoria social cognitiva**. Campinas: Mercado de Letras, 2015. 146 p.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011. 224 p.
- BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 189-217.
- BOTÃO, Ana Cláudia Rodrigues; SOUZA, Juan Alejandro Tasso; RIBEIRO, Marislei da Silveira. O Massacre de Suzano e a Cobertura Jornalística Nacional: uma análise baseada na teoria da espiral do silêncio. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 20., 2019, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: Intercom, 2019.
- GIL, Gilberto. Super-Homem, a Canção. In: IDEM. **Realce**. 1 LP. 3ª faixa, lado A, 04m05s. Rio de Janeiro: WEA, 1979. Disponível em:



<https://www.youtube.com/watch?v=5spWQoG2FQQ>. Acesso em: 5 set. 2020.

GONÇALVES, Catarina Carneiro. **Engajamento e Desengajamento Moral de docentes em formação diante de situações de bullying envolvendo alvos típicos e provocadores**. 2017. 132 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/9914>. Acesso em: 15 jul. 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro.

LA TAILLE, Yves de. **Formação ética: do tédio ao respeito de si**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 2ª. ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

LOPES, Anchyses Jobim. Considerações sobre o massacre de Realengo. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, v. 1, n. 37, p. 25-44, jul. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n37/n37a03.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2020.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

MOURA, Renan Gomes. A masculinidade tóxica e seus impactos na vida dos gays dentro das organizações. **Ciências do Trabalho**, Universidade do Rio Grande, v. 1, n. 13, p. 125-139, abr. 2019.

MORAES, Thiago Perez Bernardes. A discrepância quanto à frequência de comportamentos agressivos em homens e mulheres: um estudo evolucionista sobre o comportamento agressivo em humanos. **UNOPAR Cient. Ciênc. Human. Educ.**, Londrina, v. 15, n. 1, p. 73-84, jan. 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/senac/Downloads/600-Texto%20do%20artigo-2303-1-10-20150702.pdf>. Acesso em: 10 set. 2020.

PAULA, Raí Carlos Marques de; ROCHA, Fátima Niemeyer da. Os impactos da masculinidade tóxica no bem-estar do homem contemporâneo: uma reflexão a partir da psicologia positiva. **Mosaico**, Vassouras, v. 10, n. 2, p. 82-88, jul. 2019.

PENN, Gemma. Análise semiótica de imagens paradas. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 6^a. ed. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 319-342.

PIAGET, Jean. **O juízo moral na criança**. 3^a. ed. São Paulo: Summus, 1994. 302 p.

PUIG, Josep Maria. **A construção da personalidade moral**. São Paulo: Ática, 1998.

ROMANO, Giovanna. **Suicídio, roupa preta, arma branca: semelhanças entre Columbine e Suzano**. 2019. Veja. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/suicidio-roupa-preta-arma-branca-semelhancas-entre-columbine-e-suzano/>. Acesso em: 05 jul. 2020.

SCULOS, Bryant W. Who’s Afraid of ‘Toxic Masculinity’? **Class, Race and Corporate Power**, Florida International University, v. 5, n. 3, p. 1-7, 2017.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, dez. 1995.

VIEIRA, Timoteo Madaleno; MENDES, Francisco Dyonísio Cardoso; GUIMARÃES, Leonardo Conceição. De Columbine à Virgínia Tech: reflexões com base empírica sobre um fenômeno em expansão. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 22, n. 3, p. 493-591, dez. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/prc/v22n3/v22n3a21.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2020.



“THE ILLUSION OF BEING ENOUGH AS A MEN”: Toxic Masculinity and Moral Disengagement in Suzano’s Massacre

ABSTRACT: Brazilian schools have been the scene of massacres, a phenomenon of extreme violence with a significant number of fatalities. Among several episodes, what happened in Suzano/SP (in 2019) is noteworthy, due to the variety of weapons used in the action, the expressive number of dead and wounded, and the abundant evidences of gender stereotypes associated with the two young perpetrators. From this observation, we examine elements of toxic masculinity in comments that characterize the eight types of moral disengagements associated with that massacre, from a cultural point of view, central to this discussion. We use the qualitative method to analyze components that characterize toxic masculinity and the occurrence of moral disengagements, based on a photograph recorded by a perpetrator and replicated by Facebook users, as well as comments associated with news about the massacre on the Internet. We conclude that these disengagements support the construction of an androcentric and illusory image of male identity. Therefore, this study leads to reflect on the content of gender roles associated with moral disengagement, highlighting a culture of violence and insisting, in the end, on the importance of providing moral education at school to develop the critical rationality that unveils naturalized illusions that facilitate massacres.

KEYWORDS: School massacre. Suzano/SP. Gender. Toxic masculinity. Moral disengagement.

Catarina Carneiro GONÇALVES

Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino - Centro de Educação -
Universidade Federal de Pernambuco

Fernando César Bezerra de ANDRADE

Universidade Federal da Paraíba



Vital Fabrício do NASCIMENTO
Universidade Federal da Paraíba

Maria Clara Sena da SILVA
Universidade Federal da Paraíba

Recebido em: 21/10/2021

Aprovado em: 10/07/2023